

DA PREPARAÇÃO À REVISÃO: SEM ELAS, NÃO HÁ PUBLICAÇÃO

Adriana Tulio Baggio

atbaggio@gmail.com

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora universitária e pesquisadora com atuação no Centro de Pesquisas Sociossemióticas da PUC-SP.

Recebido em: 23-12-2020

Aceito em: 06-03-2021

DOI 10.21882/ruc.v9i16.853

82

FROM PREPARATION TO REVIEW: THERE IS NO PUBLICATION WITHOUT THEM

DE LA PREPARACIÓN A LA REVISIÓN: SIN ELAS, NO HAY PUBLICACIÓN

Resenha: MORAES, Eugênio Vinci de. **Processos de revisão textual**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

É um paradoxo interessante que algo associado à correção, ao certo e, portanto, à ideia de *certeza*, seja tão envolvido em “dependes”. Quem alguma vez contratou serviços de preparação e revisão de texto, e perguntou à/ao profissional a respeito de uma norma ou um padrão, pode ter ouvido como resposta esse “depende”. Tal relativismo não tem nada a ver com ausência de regras ou com uma postura do tipo “faço do meu jeito”, muito em voga nestes tempos de pós-verdade. Emprestando de Barbara Cassin (2019) o conceito que a filósofa e classicista propõe para se discutir a tradução, trata-se de um “relativismo responsável”, operado com critérios e muito conhecimento de causa.

O trabalho de preparação e revisão, frequentemente subestimado e desvalorizado, apoia-se muito mais no raciocínio e na reflexão sobre normas que na consulta e cega obediência a elas. E isso é algo que a leitora e o leitor poderão aprender ou lembrar em *Processos de revisão textual*. A obra é dirigida especialmente a estudantes de nível universitário e contribui

para preencher a lacuna na formação de profissionais da editoração, atividade por vezes alocada na grande área da comunicação. Apesar desse direcionamento, o título é seguramente útil e necessário para qualquer pessoa que trabalhe com produção de textos — inclusive nós, pesquisadoras e pesquisadores.

Dizer “depende” é considerar que uma norma, regra ou padrão pode valer para determinado contexto, mas não para outros. Isso implica conhecer os gêneros discursivos e textuais, mas não apenas eles: também o perfil do público destinatário do texto, os objetivos desse texto e o objeto de valor almejado pelo seu destinador, que pode ser actorializado por uma pessoa ou instituição. Se tal repertório é necessário para o trabalho de preparação e revisão textual, que dirá para escrever um — dos poucos, nesta área — livro sobre o assunto.

Autor de *Processos de revisão textual*, Eugênio Vinci de Moraes articula em sua trajetória profissional e intelectual a atuação em três frentes relacionadas ao texto: a autoral, a editorial e a acadêmico-científica. Domina não apenas a competência linguística, mas também as metalinguística e metaliterária. Doutor em literatura brasileira pela USP (Universidade de São Paulo), é professor universitário em

Curitiba, cronista¹ e tradutor de textos teóricos² e de clássicos da literatura ocidental, incluindo uma versão em prosa da *Divina comédia* de Dante Alighieri (2016). E se você já leu o *Quincas Borba* de Machado de Assis editado pela Globo em 2008, saiba que o texto foi estabelecido por Moraes; preparador e revisor por 15 anos na Companhia das Letras e na saudosa Cosac Naify, ainda trabalha com essa atividade de forma bissexta.

No Brasil, os dois maiores campos de atuação em preparação e revisão são o mercado editorial e a área acadêmica. Os “dependes” das normas e padrões começam por aí, pois há algumas variações a respeito das práticas de cada um desses campos. Ainda que — ao menos pelo senso comum — as oportunidades de trabalho mais desejadas estejam no mercado editorial, a praxe é os profissionais iniciarem a carreira ou tirarem a maior parte do ganha-pão da preparação e revisão de artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Diante disso, um dos grandes méritos do livro é apresentar os aspectos da profissão confrontando as peculiaridades dessas duas áreas, apontando suas semelhanças e diferenças, permitindo que a leitora e o leitor explorem a seara do “depende” mesmo antes de conseguirem vivenciar as duas formas de atuação. Com menos destaque, aborda-se ainda a revisão dos textos jornalísticos e publicitários, com foco na emergente área de produção de conteúdo.

Processos de revisão é dividido em seis capítulos, antecedidos do prefácio de Marcelo Módolo, professor de filologia e língua portuguesa da USP, e da apresentação do autor do livro. Ao fim de cada capítulo há uma síntese e atividades de autoavaliação e de aprendizagem teórica e prática — características das publicações da editora InterSaberes voltadas à formação

universitária na modalidade a distância. Como bônus, os enunciados dessas atividades apresentam citações de obras sobre editoração consultadas pelo autor. É um conteúdo a mais ao qual leitoras e leitores têm acesso. As principais dessas obras de referência são comentadas ao fim do livro, guiando a quem se interessar em aprofundar a formação editorial.

Quanto aos capítulos, o primeiro deles discute a onipresente questão de uma profissão ainda não regulamentada: a delimitação das atividades de preparação, revisão e copidesque. Não há resposta definitiva, pois o entendimento das especificidades pode variar de acordo com o campo e com as próprias instituições que contratam profissionais ou o serviço *freelancer*. Como se não bastasse, o processo editorial em publicações digitais tende a eliminar ou aglutinar etapas e funções, e isso também é abordado no livro.

Ao apresentar, em vez de certezas (que não existem), as linhas gerais de cada função, Moraes permite que a leitora e o leitor exercitem a reflexão, como de fato requer um texto dirigido ao público universitário. Dessa forma, pode-se pensar essas três atividades segundo suas posições no eixo de maior ou menor intervenção no texto (maior no copidesque, um pouco menor na preparação e pontual na revisão de provas), no eixo de etapas do processo editorial (do original à prova) e no eixo da densidade de repertório linguístico e conceitual (maior e específico nas revisões técnica e de tradução).

O segundo capítulo trata da historicidade dos suportes da escrita, e essa é uma das seções mais fascinantes do livro (deste e do artefato em si). A maioria de nós não se dá conta de que a leitura silenciosa e individual é uma conquista fruto não apenas do letramento, mas da

1 Sua produção pode ser acompanhada no blog *Letra Corrida*: <https://letracorrídaorg.wordpress.com>

2 Moraes verteu ao português a introdução elaborada pelo semiótico Paolo Fabbri (1939-2020) à edição italiana do *De l'imperfection* de Algirdas Julien Greimas, incluída na edição brasileira (FABBRI, 2002 [1988]). Em linhas muito gerais, nesse derradeiro trabalho individual Greimas propõe que o sentido está nas quebras, nas imperfeições, seja por meio de fraturas ou de escapatórias. Por ironia, o sobrenome do tradutor foi creditado imperfeitamente: Moraes em vez de Moraes.

configuração do suporte livro, seja ele de papel ou digital.

A distribuição das palavras em frases (em que os elementos são separados por espaços vazios), a pontuação, a alternância de maiúsculas e minúsculas, as divisões em manchas que caracterizam parágrafos e capítulos são recursos visuais que possibilitam a leitura autônoma. A cada mudança tecnológica no suporte — do rolo ao códice, que já apresenta o formato de livro como conhecemos hoje, passando pelo incunábulo (impressão com letras que simulam a escrita à mão) até o livro impresso — corresponde o predomínio de uma das atividades relacionadas à editoração, e a revisão está presente desde o início³.

Após a discussão sobre as funções envolvidas na preparação textual e sua relação socio-histórica com a evolução dos suportes da escrita, a leitora e o leitor podem então, no terceiro capítulo, entender aspectos da organização do original. Se o livro como conhecemos hoje é um recurso caracterizado pela visualidade e por continuidades e discontinuidades, essa configuração significativa não apenas corresponde a um conteúdo de significado como contribui para a produção e apreensão da significação.

Poderíamos entender o livro como uma organização sintagmática em que a ordem dos elementos forma um todo de sentido maior que a simples soma entre suas partes. Na preparação de originais, portanto, cuida-se não apenas das questões de revisão (estilística e gramatical) e de padronização (de citações, referências, uso de maiúsculas, abreviaturas, realces gráficos), mas também da ordem e conformação dos elementos pré-textuais, textuais, pós-textuais e

paratextuais, começando por esta conformação e seguindo na ordem inversa em que eu citei. Como no restante do livro, Moraes aqui apresenta a diferença entre textos editoriais e acadêmicos, e ainda as variações no interior das práticas de cada um desses gêneros.

Seguindo o percurso, o quarto capítulo trata da normalização ortográfica. Ainda que não seja o caso, no livro, de apresentar todas as ocorrências abarcadas pelas normas, o autor indica algumas padronizações, os fundamentos para as decisões que normalmente se toma a respeito delas, as fontes de consulta e o que costumam praticar diferentes instâncias, quer pautadas pela normalização empírica (editoras comerciais), quer pela teórica (textos acadêmicos e científicos).

O capítulo não trata da normalização de citações e referências, mas na sua introdução apresenta um histórico das diferentes normas teóricas, como as da nossa conhecidíssima, nas ciências humanas, ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), bem como da APA (American Psychological Association) e do sistema Vancouver, que rezam também sobre outros aspectos dos trabalhos acadêmicos. Esse breve histórico parece-me importante porque muito da rejeição à normalização dos trabalhos acadêmicos acontece por falta de entendimento sobre os motivos e a lógica das normas. Como se pode ver no quinto capítulo, o aspecto visual conferido pela normalização permite que se colha uma grande quantidade de informação antes mesmo que se apreenda o conteúdo do texto.

O capítulo cinco, então, aborda as normas para citação e referência de obras, tanto nos

3 Cada uma dessas fases relaciona-se a um contexto socio-histórico e político; podemos perceber isso com clareza em *O nome da rosa*, de Umberto Eco (2003). Nos intervalos entre as mortes dos monges, acompanhamos em detalhe as várias etapas de confecção e reprodução dos códices, trabalho até então realizado em abadias e associado a uma sacralização e elitização do livro e do conhecimento. Na época da narrativa, século XIV, há um forte desgosto dos abades pelo fato de escritórios urbanos, especialmente aqueles em cidades comercialmente prósperas como Florença, estarem produzindo seus próprios códices com maior rapidez e de obras consideradas “perigosas” para conhecimento público. A consolidação do códice acompanha, portanto, a ascensão da burguesia mercantil, a passagem do feudalismo para a acumulação primitiva (precedente do sistema capitalista) e os princípios da separação entre Estado e Igreja.

textos editoriais quanto nos acadêmicos. O autor apresenta as determinações da ABNT e suas variações em relação à APA e ao sistema Vancouver. Assim como notei a respeito do capítulo quatro, não é o caso de listar a formatação das referências de todos os tipos de documentos, visto que as normas podem ser facilmente consultadas. Moraes se preocupa em explicar os porquês dos elementos que caracterizam citações e referências, mostrando a lógica de sua padronização e apresentando as situações principais.

Adquirindo essa competência, quem usa ou revisa a normalização compreende que algo aparentemente tão “neutro” ou “objetivo” manifesta, na verdade, posições político-ideológicas, explícitas ou naturalizadas. É por isso que a *Revista Estudos Feministas* (REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, 2020), por exemplo, adota em suas normas uma adaptação do sistema autor-data da ABNT, pedindo que se inclua na fonte da primeira citação a uma obra o prenome completo da autora⁴ (a revista usa a declinação no feminino para se referir tanto a homens quanto mulheres).

Seguindo, na estrutura do livro, o percurso que faria um original desde a fase de manuscrito até sua publicação, o último capítulo fala da revisão de provas, aquela realizada no texto diagramado, impresso, ou, mais comum hoje, na tela do computador. O autor apresenta os erros mais recorrentes observados nessa fase e a convenção de sinais adotada por editoras para assinalar esses erros e as correções.

Por fim, a derradeira seção desse capítulo trata do trabalho de preparação e revisão na produção de conteúdo, ferramenta bastante usada na publicidade para captação de consumidores no ambiente digital com táticas pretensamente menos invasivas. Na produção de conteúdo, as etapas de redação, copidesque, preparação e revisão, normalmente separadas em outras situações, tendem a ser aglutinadas

ou realizadas pela mesma pessoa.

Ao abordar essa situação, o livro talvez consiga chamar a atenção para a necessidade de aumento de carga horária de disciplinas de língua portuguesa e literatura nos cursos de publicidade e propaganda e, quem sabe, da inclusão de uma disciplina de editoração, preparação e revisão de textos.

Como vagas de emprego formal nessa atividade são raras, a maior parte das e dos profissionais trabalha como *freelancer*. Quem mais contrata formalmente são editoras de livros didáticos ou de livros universitários, como a que publica a obra aqui resenhada; estas comumente exigem a graduação em letras ou jornalismo. Prever o trabalho com a língua portuguesa e com a preparação de texto na formação superior em publicidade pode contribuir para melhorar as oportunidades de atuação profissional dos egressos desse curso, que mesmo nas agências de propaganda — *core business* da atividade — acabam preteridos por colegas de outras áreas.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução, apresentação e notas de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.
- BAGGIO, Adriana Tulio. Como agradecer uma mulher usando a língua. **Adriana Meis**, Curitiba, 19 fev. 2020. Disponível em: <https://adrianabaggio.medium.com/como-agradar-uma-mulher-usando-a-l%C3%ADngua-d884bac77fad?sk=e34e8bc38abce-2a9ea222e41c95477b1>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- CASSIN, Barbara. **Elogio de la traducción**. Traducción de Irene Agoff. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2019.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- FABBRI, Paolo. Introdução. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Da**

4 Exemplifico por meio de autocitação (Adriana BAGGIO, 2020) a um texto com sugestões de outras práticas para dar visibilidade à presença e à autoria feminina na ciência brasileira.

imperfeição. Prefácio e tradução Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002 [1988]. p. 95-111.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. **Normas da revista.** Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FgBIFohyWBPcrH7vaxPo-gC5whcgaoxc9/view>. Acesso em: 5 abr. 2022.